



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA**

**IRIAN KARLA BEZERRA DE LIMA**

**A PERSPECTIVA UNAMUNIANA SOBRE LEITURA/LOUCURA EM *EL INGENIOSO HIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA* E SUA RELAÇÃO COM OS IDEAIS DE EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE**

**MONTEIRO-PB  
2017**

**IRIAN KARLA BEZERRA DE LIMA**

**A PERSPECTIVA UNAMUNIANA SOBRE LEITURA/LOUCURA EM *EL INGENIOSO HIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA* E SUA RELAÇÃO COM OS IDEAIS DE EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus VI, apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciatura do curso de Letras/ Língua Espanhola sob a Orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristiane Agnes Stolet Correia

**MONTEIRO-PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732p Lima, Irian Karla Bezerra de.

A perspectiva unamuniana sobre leitura/loucura em *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha* e sua relação com os ideais de educação de Paulo Freire [manuscrito] : / Irian Karla Bezerra de Lima. - 2017.

40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Miguel de Unamuno. 2. Literatura e Loucura. 3. Don Quijote de la Mancha. 4. Paulo Freire. 5. Hábito de Leitura. 6. Educação e Sociedade.

21. ed. CDD 801.959

IRIAN KARLA BEZERRA DE LIMA

**A PERSPECTIVA UNAMUNIANA SOBRE LEITURA/LOUCURA EM *EL INGENIOSO HIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA* E SUA RELAÇÃO COM OS IDEAIS DE EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE**

Trabalho de Conclusão de Curso da  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Campus VI, apresentado como pré- requisito  
para a obtenção do título de Licenciatura do  
curso de Letras/ Língua Espanhola

Apresentada em 11 de Dezembro de  
2017

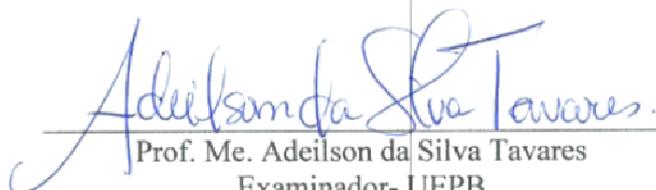
**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Agnes Stolet Correia  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Ma. Joana Dar'k Costa  
Examinadora - UEPB



Prof. Me. Adilson da Silva Tavares  
Examinador- UEPB

Dedico este trabalho de todo coração, a minha Mãe, Lucia, que sempre esteve ao meu lado, acreditando na minha capacidade e me dando forças para prosseguir, que muito batalhou por mim, e que tanto me ajudou para que pudesse chegar até aqui, teve o cuidado de me deixar claro, que sem o estudo não poderia chegar a lugar algum. E que esta seria a maior herança que ela poderia me deixar. Também dedico ao meu Pai, Irineu (in memoriam), que no tempo que esteve ao meu lado me ensinou que a humildade está acima de qualquer outra coisa, e que apenas com ela poderia me tornar uma pessoa melhor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora, que sempre me deram forças e coragem para prosseguir, em cada dificuldade, em cada tribulação para chegar até aqui, muitas vezes pensei em desistir, mas Deus sempre se mostrou presente em minha vida e me fez ver que a cada dificuldade que se apresentava em meu caminho poderia me fortalecer através dela. Obrigada, Deus, por não desistir de mim, por me fazer acreditar que sim, é possível realizar os nossos sonhos, basta termos confiança em nós mesmos, e principalmente em Ti.

A minha Mãe Lucia, meu Pai Irineu (in memoriam), minha avó e segunda mãe Elizia, (in memoriam) e ao meu irmão Iralecio, estes que são a minha base, que a cada dia me fizeram acreditar que quando temos um sonho, é possível realizarmos, que sempre acreditaram na minha vitória, muitas vezes mais do que eu mesma, sou imensamente grata a Deus por me ter dado vocês como minha família, como minha base.

A minha família, aqueles que me amam e sempre estiveram do meu lado, que sempre torceram e acreditaram em mim.

A minha orientadora Cristiane Agnes, que me fez acreditar na minha capacidade e me ensinou que eu poderia alcançar voos mais altos, a partir dela iniciou-se a minha paixão pela Literatura, por este mundo maravilhoso e cheio de surpresas, por Don Quijote de la Mancha. A professora Cristiane que é uma excelente profissional, e um ser humano incrível, uma orientadora sempre disposta a ajudar, agradeço pela maravilhosa orientação que me concedeu, lhe serei eternamente grata.

Aos professores que compuseram a Banca Examinadora Ma. Joana Dar'k Costa e Me. Adeilson da Silva Tavares, por estarem presentes na banca contribuindo de maneira tão significativa para o enriquecimento deste trabalho.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação, desde a minha primeira professora, minha própria mãe, Lucia, até a minha orientadora, Cristiane Agnes, sou imensamente grata pelos conhecimentos repassados a mim, sem vocês, com certeza não seria possível este momento.

A UEPB, Campus VI, primeira faculdade superior e pública da nossa cidade, que nos faz acreditar no sonho e na realidade do tão sonhado curso superior.

A todos que compõem a UEPB, Campus VI que sempre estiveram dispostos a me ajudar quando necessitei.

Aos meus grandes amigos, que estiveram juntos comigo nesta batalha, Kaio César, Elis Regina e Raquel Espínola, grandes amigos e presentes que ganhei neste curso, e estiveram ao meu lado, me dando forças, de todas as formas possíveis, e por muitas vezes acreditando em mim, quando nem eu mesma acreditava. Serei eternamente grata pela amizade de vocês, por me fazerem chegar até aqui, tantas vezes pensei em desistir, vocês foram a minha fortaleza, e me fizeram acreditar em minha capacidade. E também serei eternamente grata a Deus por ter me presenteado com a amizade de vocês. Obrigada por acreditarem em mim, por me ajudarem a prosseguir nesta batalha.

As minhas amigas Giselle Azevedo, Sandra Amâncio e Isa Taciana, que confiaram em mim, acreditaram na minha vitória e que tantas vezes me ajudaram a não desistir da minha batalha. Obrigada pela amizade, pelas palavras de ânimo e de conforto, que foram essenciais para mim.

*Soñar el sueño imposible, luchar contra el enemigo imposible, correr donde valientes no se atrevieron, alcanzar la estrella inalcanzable. Ese es mi destino.*

*Don Quijote de la Mancha*

## RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo abordar as noções de leitura/loucura a partir da obra *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, com vistas a pensar a educação atual. Na concepção de Miguel de Unamuno, na sua obra intitulada *Vida de Don Quijote y Sancho Panza* (1945), a loucura que geralmente se atribui ao protagonista Don Quijote não é real, mas existe na sociedade da época em que ambos os livros (o de Cervantes e o de Unamuno) foram escritos. Para Unamuno, a obra de Cervantes é considerada a Bíblia Nacional Espanhola, talvez pelo fato de que todas as vezes que a lemos sempre surge algo novo, além, é claro, de trazer muitos aspectos religiosos e por poder inspirar outros “Quijotes”, capazes de saírem pelo mundo lutando pelo amor e pela justiça. A obra cervantina, *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* (2004), apesar de datada do século XVII, mostra-se extremamente atual, vemos que a “loucura” da sociedade não é de hoje, mas de séculos passados. Nas interpretações mais tradicionais da obra vemos muitas vezes que o protagonista é tido como louco, mas na obra de Unamuno ele mostra exatamente o contrário, que a loucura está na sociedade e a lucidez está em Don Quijote, ele vê além das aparências, vê o que os outros não são capazes de enxergar, mostra a essência das pessoas, sendo visto como “luz y espejo de toda la caballería andante” (CERVANTES, 2004, p. 10). Quijote mostra que é capaz de fazer o que deseja e não o que a sociedade impõe. Tendo como base a obra *Vida de Don Quijote y Sancho Panza* (1945) de Miguel de Unamuno, também é possível perceber o quanto esta deixa clara a sua importância na área da educação, importante pelo fato de mostrar o quanto a leitura, a literatura, são importantes na nossa formação, o quanto ela nos faz perceber um mundo diferente do que observamos quando não a temos como nossa aliada. Poderemos perceber o quanto a obra cervantina se aproxima das ideias dos educadores, a exemplo de Freire, Mosé, Lajolo, que estão presentes neste trabalho, dentre outros educadores, o quanto ela está presente nos dias atuais. Na obra de Cervantes ele mostra que Don Quijote perdeu o juízo por conta dos livros de cavalaria, porém o que acontece com o protagonista, segundo Unamuno, é que ele abre os olhos, deixa de ser cego, não pelo fato de reproduzir o que está nos livros, mas de criar coisas novas, de ter nos livros um ponto de partida para sua “loucura”, loucura segundo os padrões sociais tradicionais. Afinal, quem considera são aquele que sai sem nada, praticamente em busca de aventuras que lhe permitam conquistar eternidade (eterna fama) e “consertar” o mundo? Por isso a defesa unamuniana de se criar mais Quijotes, capazes de lerem criativamente (relendo a si mesmos e ao mundo) e a partir daí lançar-se à vida em favor de algo maior.

**Palavras-chave:** Don Quijote. Leitura. Loucura. Sociedade. Miguel de Unamuno.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como principal objetivo abordar las nociones de lectura/locura a partir de la obra *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, con el propósito de pensar la educación actual. En la concepción de Miguel de Unamuno en su obra titulada *Vida de Don Quijote y Sancho Panza* (1945), la locura que generalmente se atribuye al protagonista Don Quijote no es real, pero existe en la sociedad de la época en que ambos libros (el de Cervantes y el de Unamuno) fueron escritos. Para Unamuno, la obra de Cervantes es considerada la Biblia Nacional Española, tal vez por el hecho de que todas las veces que la leemos siempre surge algo nuevo, además, por supuesto, de traer muchos aspectos religiosos y de poder inspirar a otros Quijotes, capaces de salir al mundo luchando por el amor y la justicia. La obra cervantina, *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* (2004), a pesar de fechada del siglo XVII, se muestra extremadamente actual, percibimos que la "locura" de la sociedad no es de hoy, sino de siglos pasados. En las interpretaciones más tradicionales de la obra vemos muchas veces que el protagonista es considerado loco, pero en la obra de Unamuno él muestra exactamente lo contrario, que la locura está en la sociedad y la lucidez está en Don Quijote, él ve más allá de las apariencias, lo que los otros no son capaces de ver, él muestra la esencia de las personas, Quijote es visto como "luz y espejo de toda la caballería andante" (CERVANTES, 2004, p. 10), él muestra que es capaz de hacer lo que desea y no lo que la sociedad impone. Con base en la obra *Vida de Don Quijote y Sancho Panza* (1945) de Miguel de Unamuno, también es posible percibir lo cuánto ésta deja clara su importancia en el área de la educación, importante por el hecho de mostrar cuánto la literatura, la lectura son importantes en nuestra formación, cuánto nos hace observar un mundo diferente de lo que vemos cuando no la tenemos como nuestra aliada. Podremos percibir cuanto la obra cervantina se acerca de las ideas de los educadores, a ejemplo de Freire, Mosé, Lajolo, que están presentes en este trabajo, entre otros educadores, cuanto ella está presente en los días actuales. En la obra de Cervantes se muestra que Don Quijote perdió el juicio por cuenta de los libros de caballería, pero lo que sucede con el protagonista, según Unamuno, es que él abre los ojos, deja de ser ciego, no por el hecho de reproducir lo que está en los libros, pero de crear cosas nuevas, de tener en los libros un punto de partida para su "locura", locura según los patrones sociales tradicionales. A fin de cuentas, ¿quién considera sano aquel que sale sin nada, prácticamente en busca de aventuras que le permitan conquistar eternidad (eterna fama) y "arreglar" el mundo? Por eso la defensa unamuniana de crear más "Quijotes", capaces de leer creativamente (releyendo a sí mismos y al mundo) ya partir de ahí lanzarse a la vida en favor de algo mayor.

**Palabras-clave:** Don Quijote. Lectura. Locura. Sociedad. Miguel de Unamuno.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. A LEITURA COMO PONTO DE PARTIDA PARA A “LOUCURA” QUIJOTESCA.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 A importância da leitura na obra cervantina.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 A loucura da sociedade e a sanidade de Don Quijote de la Mancha segundo Miguel de Unamuno.....</b>	<b>18</b>
<b>2. AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO PARA UMA SOCIEDADE LIBERTADORA.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 A Educação como forma de saída da opressão.....</b>	<b>29</b>
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>4. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como fontes principais de pesquisa as obras *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha* (2004), de Miguel de Cervantes, e *Vida de Don Quijote y Sancho Panza* (1945), de Miguel de Unamuno. Cervantes Saavedra também foi poeta, dramaturgo e novelista espanhol, considerado por alguns autores o maior nome da literatura Espanhola. Sua obra mestra foi escrita entre os anos de 1575 e 1580. Em 1605 foi publicada a primeira parte de *El ingenioso Hidalgo D. Quijote de La Mancha* e dez anos mais tarde, em 1615, foi publicada a segunda parte da mesma obra.

A obra *Vida de Don Quijote y Sancho Panza* (1945) teve sua primeira edição lançada em 1938. Unamuno foi escritor, filósofo espanhol, poeta, romancista, ensaísta, novelista e dramaturgo, para muitos estudiosos o precursor do existencialismo e também foi considerado por alguns autores um dos expoentes da chamada Geração de 98<sup>1</sup> da literatura espanhola. A obra mencionada é uma releitura da obra de Cervantes, a partir dela é possível entendermos melhor sobre as atitudes de Don Quijote (Alonso Quijano) e o porquê dele tomar estas atitudes que o levaram a ser chamado de louco pelas pessoas.

Alonso Quijano era o verdadeiro nome de Don Quijote de la Mancha, Cervantes apresenta uma breve apresentação deste personagem. Alonso era um homem de 50 anos, se mostrava um homem de fé e que também se apresentava um homem intelectual, Alonso deixou de lado os seus deveres como fazendeiro para se dedicar aos livros de cavalaria, como afirma Cervantes, “... se daba a leer libros de caballerías, con tanta afición y gusto , que olvidó casi de todo punto el ejercicio de la caza y aun la administración de su hacienda; [...]” (CERVANTES, 2004, p.28). E a partir daí nasce Don Quijote de la Mancha, não para se contrapor a Alonso, mas para que haja uma união entre eles.

Don Quijote em sua segunda saída nomeou o seu vizinho, por nome de Sancho Panza como o seu escudeiro. Sancho Panza era, assim afirma Cervantes, um homem simples e de

---

<sup>1</sup> “La inquietud española y la ambición literaria son el anverso y el reverso de esa luciente, áurea moneda que en la historia de las letras españolas solemos llamar «generación del 98»Dejemos intacto, con íntima pena, el problema de sus méritos literarios. Atengámonos tan sólo a la común actitud frente al «problema de España» por parte de todos o casi todos los que constituyeron el grupo: Unamuno, Ganivet, *Azorín*, Valle-Inclán, Baroja, Antonio y Manuel Machado, Maeztu, Benavente. Procedamos con método, con sinceridad, con delicadeza.”: Informação retirada do site <http://www.cervantesvirtual.com/>. Disponível em: <[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/la-generacion-del-98-y-el-problema-de-espaa/html/dcd543b4-2dc6-11e2-b417-000475f5bda5\\_5.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/la-generacion-del-98-y-el-problema-de-espaa/html/dcd543b4-2dc6-11e2-b417-000475f5bda5_5.html)>. Acesso em: 01/12/2017.

bom coração, mas este que também tinha pouco juízo, como Cervantes observa: “En este tempo solicitó don Quijote a un labrador vecino suyo, un hombre de bien – si es que este título se puede dar al que es pobre-, pero de muy poca sal en la mollera”. (CERVANTES, 2004,p.72). Cervantes também explana que Don Quijote oferece a Sancho, em troca de acompanhá-lo como escudeiro, uma ilha. Assim como fez o discípulo Pedro para acompanhar Jesus, Sancho deixou sua mulher e filhos para acompanhar o seu mestre, o seu amo Don Quijote de la Mancha.

Unamuno defende por todo o tempo nesta obra que Don Quijote não se trata apenas de personagem fictício, mas que ele existiu e que foi um homem de carne e osso, assim como nós. “Era nuestro Caballero un loco razonable y no ente de ficción, como creen los mundanos, sino de los hombres que han comido y bebido y dormido y muerto.” (UNAMUNO, 1945, p. 45), como podemos perceber Unamuno defende a existência de Don Quijote, ele não é apenas um fruto da imaginação de Cervantes, para Unamuno esta existência está ligada às atitudes tomadas por Don Quijote, por sua autonomia, por sua coragem, por sua busca pela justiça e pela liberdade.

A obra *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha* relata que seu personagem principal, após ler livros de cavalaria, sai pelo mundo em busca de aventuras e também procura acabar com a injustiça, defender aqueles que sofrem injustamente. Esta obra foi considerada a Bíblia Nacional Espanhola por Miguel de Unamuno, justamente por este considerar Don Quijote o Cristo Espanhol. Sendo assim, Quijote e Cristo se irmanam pela luta em prol dos oprimidos e pelo sacrifício que fazem de suas próprias vidas pessoais.

No capítulo 1 deste trabalho veremos a importância da leitura através da obra de Cervantes, qual foi a importância, a contribuição que a leitura teve na vida dos personagens e o que nós, que somos e aqueles que ainda serão leitores desta obra, podemos esperar de *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*.

Também neste mesmo capítulo, será vista a “loucura” de Don Quijote, esta adquirida a partir das leituras do nobre Alonso, que a partir destas se autodeclara Don Quijote de la Mancha, daí muitos atribuírem a culpa da loucura quijotesca às leituras empreendidas. Porém, na verdade, a leitura, a sua autonomia como leitor, que o transforma em autor e também em personagem, foi a sua salvação, que o fez ver muito além do que os outros viam. A seguir serão apresentados os motivos pelo quais Unamuno defende que Quijote não é, e nunca foi um louco, e sim, um exemplo de percepção da realidade.

Além disso, no capítulo 2, observaremos o papel desta narrativa para a Educação, tendo como ênfase os educadores Freire, Mosé e Lajolo. É possível perceber na história de Cervantes que Sancho não domina a leitura e a escrita, porém mesmo desta forma ele é capaz de demonstrar o quão importante é a leitura na nossa vida, por algumas vezes ele se entristece por não ter aprendido a ler, contudo não só por isso Sancho deixa de exprimir a importância da leitura.

## 1. A LEITURA COMO PONTO DE PARTIDA PARA A “LOUCURA” QUIJOTESCA

Nesta seção observaremos a junção da leitura com a “loucura”, pois foi a partir da leitura feita por Alonso, que Don Quijote passou a existir e a partir daí foi considerado “louco” pela sociedade da época, por não seguir as diretrizes de uma coletividade alienada. Isso conforme descrito na obra *El ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*<sup>2</sup>. Percebemos, portanto, que é a condição de leitor (personagem Alonso) que possibilita a criação própria do personagem no cavaleiro andante Don Quijote. Em outras palavras, a leitura é o ponto de partida de toda a trama desenvolvida na obra cervantina.

### 1.1 A importância da leitura na obra Cervantina

Neste tópico entenderemos melhor qual foi a importância da leitura na obra *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* e também na vida dos personagens Don Quijote e Sancho Panza, pois foi através da leitura e também de sua autonomia como leitor, que Alonso Quijano foi capaz de abrir os olhos para algo maior, e foi capaz de enxergar só através da leitura, fatos que estavam bem a sua frente, porém só foi capaz de percebê-los em seu processo de leitura, em seu processo como leitor/autor/personagem. Leitor quando ainda Alonso está navegando, viajando com as histórias de cavalaria, autor quando este através da leitura é capaz de criar, de recriar-se e a partir daí tornar-se personagem, tornar-se Don Quijote de la Mancha.

Cervantes mostra que ao decorrer da obra Don Quijote vai encontrando pessoas que o ajudam a construir esta história, que também participam de suas aventuras, e desta maneira tudo vai se encaixando perfeitamente. Na segunda parte da obra Don Quijote se depara com aqueles que leram a primeira parte, ou seja, aqueles que leram a história, se tornam também personagens desta trama, com isto, percebemos a importância que Cervantes dá ao leitor. Em outras obras compreendemos que o autor é importante, mas na obra de Cervantes notamos que ele dá esta importância ao leitor, observamos que as primeiras palavras do prólogo

---

<sup>2</sup> Às vezes me refiro a Don Quijote como se ele realmente tivesse existido. Esta “confusão” literária (ficção)/história (real) é proposital, ao menos por dois motivos. O primeiro tem origem na obra mesma de Cervantes, que afirma ser sua obra uma tradução do texto árabe escrito pelo historiador Cide Hamete Benegeli. O segundo se apoia em Miguel de Unamuno, que ousa afirmar que o personagem Don Quijote de La Mancha existiu e existe muito mais que o próprio autor Miguel de Cervantes. Sabemos que literalmente estas afirmações não são verdadeiras, mas permitem o aflorar de muitos questionamentos, daí minha opção por manter a confusão muitas vezes.

chamam a atenção do leitor quando este afirma “*Desocupado lector*, sin juramento me podrás creer que quisiera que este libro, como hijo del entendimiento”... Entendemos que para Cervantes o leitor precisava ter muito tempo para que pudesse ler a obra.

Por este motivo Cervantes chama o leitor de desocupado, significa que neste momento o leitor está totalmente fora da obra, por isso Cervantes o trata como desocupado, no entanto mais a frente o escritor dá ao leitor os adjetivos “suave” e “amigo”. ... las aprobé por buenas y de ellas mismas quise hacer este prólogo, en el cual verás, lector suave... (CERVANTES, 2004, p.14), “y se este cuento no le cuadrare, dirasle, lector amigo, este que también es de loco y de perro”. (CERVANTES, 2004, p. 545).

O primeiro que significa que o leitor aos poucos está entrando na obra, se envolvendo, se familiarizando aos poucos com ela e o último o leitor já está totalmente dentro da obra, já está totalmente envolvido e ele afirma isto sempre no singular, pelo fato do que ele quer falar com cada leitor, quer que o leitor perceba sua importância.

Também percebemos a importância da leitura, da literatura, da autonomia como leitor, porque somos capazes de sonhar e até transformar nossos sonhos em realidade, como foi o caso dos condes, que leram a primeira parte de Don Quijote e na segunda parte se transformam em personagens. Na mesma obra notamos que Alonso que é leitor e se transforma em autor, pois tem a atitude da sua própria criação, da criação de sua amada Dulcinéia e logo após em personagem, em Don Quijote. Este é objetivo de algumas leituras, fazer com que o leitor se sinta parte da história e desta maneira se torne autor/personagem. Algumas obras dão esta abertura para que o leitor possa dar o final que achar necessário a ela, então neste momento o leitor transforma-se em autor. O leitor-autor também pode transformar-se em personagem quando atua, age.

Percebe-se o quanto a obra de Cervantes e a obra de Barthes, que trabalharei em seguida, assemelham-se por suas ideias, Barthes é um teórico do século XX, e a obra cervantina foi escrita no século XVII, porém é possível que se perceba o quanto estes autores prezam pela figura do leitor, prezam pela presença, pela importância do leitor em suas obras.

Na obra intitulada *A morte do autor* (2004) de Roland Barthes ele narra: “o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal” (BARTHES, 2004, p. 5), ou seja, Barthes deseja mostrar a

todos que depois que a obra do autor é lançada este já não tem mais domínio sobre ela, ele perde o seu domínio total, que passa a ser do leitor, porque o leitor vai reescrever a história, reinventar. Como Barthes discorreu a importância do texto não está na sua origem, ou seja, naquele que escreve, mas sim em seu destino, no seu leitor, e também ressalta que, “o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do autor” (BARTHES, 2004, p. 6), esta morte significa exatamente a importância que deve ser dada ao leitor, como já foi dito anteriormente, após o lançamento de alguma obra o autor já não tem nenhum domínio sobre a mesma.

Unamuno e Barthes procuram um novo formato aos textos, eles reinventam, buscam dar importância ao leitor e não ao autor, procuram deixar sempre em evidência a figura do leitor, como se este fosse realmente o autor da narrativa. Unamuno ressalta que tudo é inacabável, que nada tem fim, que nós sempre temos algo para aprender, então como somos seres inacabados<sup>3</sup>, as obras também são inacabadas e como ambos tratam seus leitores com individualidade, cada leitor pode dar a continuação que achar necessária ou conveniente para as obras que lerem. Assim será uma obra com várias perspectivas, opiniões, continuações, mas nunca com um final fechado, pois como seres inacabados, buscando algo a se fazer, a se aprender, a se reinventar dia a dia.

Na obra de Unamuno *Y va de Cuento* (1998) ele explana a diferença de *ilación*, que é quando uma obra foca em pontos importantes, que para Unamuno são as provocações, inquietações, questionamentos estimulados, aos que ele chama de pérolas, e *hilación*, que é quando uma obra segue uma sequência de acontecimentos, um fio condutor linear, já que *hilación* vem de *hilo*, fio em português. Na obra de Cervantes ocorre esta sequência, no entanto não de maneira contínua, pois podemos perceber nesta obra a presença de histórias secundárias<sup>4</sup> dentro da história principal. Assim, constatamos que a obra de Cervantes se trata muito mais de uma *ilación*, por estar repleta das ditas pérolas, provocações que visam a promover inquietações e reflexões no leitor em diversos aspectos, ao abordar temas como

---

<sup>3</sup> Somos todos seres inacabados, pois sempre temos algo a aprender, por este motivo Freire defende a ideia do inacabamento do ser humano, sobre isto ele relata: Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado (FREIRE, 2002, p 23).

<sup>4</sup> Estas histórias que se tratam de caixas chinesas, que são algumas caixas dentro de outra, em *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* percebemos algumas histórias dentro desta, a exemplo dos capítulos 12: De lo que contó un cabrero a los que estaban con Don Quijote (Historia da Pastora Marcela) e capítulo 33: Donde se cuenta la novela de curioso impertinente.

justiça, liberdade, lucidez, loucura, dentre tantos outros. São justamente essas provocações que contribuem para a construção de uma autonomia.

Assim, a leitura em junção com a autonomia do leitor é importante também no aspecto de abrir nossos olhos ao que está acontecendo a nossa volta, de mostrar a realidade, no entanto para que isso possa acontecer o leitor precisa se tornar autônomo, precisa tornar-se autor da própria história, como assim fez Don Quijote. Assim também é a importância que a leitura exerce na nossa vida acadêmica, de abrir nossos olhos para o mundo, para o que é verdadeiro, o que realmente nos é importante. Sem a leitura, sem a autonomia de leitor somos apenas meros espectadores da nossa própria vida, não participamos ativamente do que é importante para nós, deixamos que os outros imponham a sua vontade sobre o que só interessa a nós mesmos, porque é exatamente este o papel da leitura, da literatura, de ver o que os outros não são capazes de ver ou não querem, de reinventar-se a cada dia.

Sobre a leitura Unamuno declara que: “porque el espíritu, que es la palabra, que es verbo, que es tradición oral, vivifica, pero la letra, que es el libro, mata.” (UNAMUNO, 1938, p. 36). Unamuno defende a ideia que enquanto na oralidade, na fala, a palavra está viva, pois pode se movimentar, todavia após esta ser escrita, após esta se fixar nos livros, ela morre, pois a partir deste momento não há o movimento da palavra, a escrita fixa a letra, que somente “ressuscita” com o leitor, que termina por operar uma recriação da obra, trazendo novas possibilidades de movimentos para as palavras antes “enterradas”.

A seguir trataremos da “loucura” vivida por Don Quijote e que até os dias atuais ainda é muito comentada, ao menos na vida estudantil, na vida acadêmica, mas que é infelizmente pouco vivida na sociedade contemporânea.

## **1.2 A loucura da sociedade e a sanidade de Don Quijote de la Mancha segundo Miguel de Unamuno**

Muito se ouve dizer que *Don Quijote de La Mancha* foi um louco, mas que argumentos as pessoas usam para dizer isso? Seria pelo fato de ele ter saído sem destino, com o desejo de querer mudar o mundo, mudar para melhor, de desejar viver em um mundo melhor? Até que ponto o desejo e a luta por valores humanitários de cunho social não foram/são considerados loucos em uma sociedade que tende a primar pelo individual, pela

aparência e por interesses meramente de âmbito material? Seria mesmo loucura querer não só recriar-se como propor novas relações, idealizando um mundo sem injustiças nem preconceitos? Talvez. Mas, como grandes pensadores reconheceram, trata-se de uma opção ética, e acreditamos que esta deva ser a opção do educador. Será que loucos não somos nós por muitas vezes termos medo e não ousarmos criar, atuar?

A loucura é vista como qualquer ato que é feito fora dos padrões da sociedade em que vivemos, por este motivo Don Quijote foi e ainda é considerado por alguns um “louco”, pois poucas pessoas teriam a mesma coragem que ele teve, de lutar, de se aventurar, para o bem, principalmente do próximo. Jesus também foi considerado um louco em sua época, por isso foi condenado a crucifixão, pois agia diferentemente da maioria das pessoas. A forma como Jesus pregava sobre a sua igreja, a forma como ele agia, este dizia-se rei, no entanto quando pensamos em reinado, em algo semelhante imaginamos algo grandioso, majestoso, porém Jesus foi contrário a estas regras sociais, ele, como assim também Don Quijote deixaram o exemplo da humildade, deixaram claro que para se tornar uma pessoa grandiosa, um exemplo a ser seguido temos que ter autonomia e principalmente humildade, acima de tudo.

Para Unamuno, a obra *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* é vista como a Bíblia Nacional Espanhola, pelo fato de ser uma obra “complexa” e também porque todas as vezes que a lemos sempre encontramos algo de novo. Sendo considerada a Bíblia Nacional Espanhola, Unamuno também faz uma comparação entre os dois personagens principais, Don Quijote e Sancho Panza, com Jesus Cristo e Simão Pedro, que foram/são personagens importantíssimos nas religiões cristãs.

Don Quijote é visto por Unamuno como Jesus Cristo, o divino, aquele que olha além do exterior, que adentra ao interior das pessoas, Sancho Pança, tido como Simão Pedro, o humano, que vê apenas o exterior, não se dá ao trabalho de adentrar no íntimo das pessoas, julga elas apenas pelo que vê exteriormente, mas que no desenvolvimento da obra, como também ocorreu com o apóstolo Pedro, vai demonstrando uma grande mudança, o que ele não acreditava ao início da obra, não acreditava que poderia existir a bondade em cada pessoa, como Don Quijote acreditava, mas aos poucos esta mudança vai acontecendo, ele passa a acreditar fielmente em tudo que Don Quijote realizou e chega a pedir pela volta dele em seu leito de morte, não pela volta de Alonso Quijano (nome real de Don Quijote), para que pudessem continuar com as suas aventuras.

E neste momento, no leito de morte que Alonso Quijano/Don Quijote admite sua loucura, mas Sancho diz exatamente o contrário, que neste momento é que ele se torna louco, este é um dos momentos que percebemos a mudança de Sancho, que acreditava, assim como a maioria das pessoas, que ao início do romance que Don Quijote era louco, mas com a convivência que ele tem com o seu amo sua concepção vai mudando aos poucos, como aconteceu com o apóstolo Pedro na Bíblia:

Ainda comparando Quijote com Jesus Cristo, outro fato importante é que os dois são semelhantes no ato de criação, pois segundo o Cristianismo, a igreja católica, a Trindade Santa Deus cria o mundo em sete dias, cria as plantas, os animais e Don Quijote, cria Rocinante, Sancho Panza, Dulcineia, então são os dois criadores, conforme mostra o trecho seguinte: “así quiso, como buen caballero, añadir al suyo el nombre de la suya y llamarse don Quijote de la Mancha” (CERVANTES, 2004, p. 32).

Don Quijote, ao contrário da maioria da sociedade, via o interior das pessoas, não apenas o exterior, em sua primeira parada ele se depara com mulheres, estas que são prostitutas, mas que ele as vê como donzelas, que, como muitos outros personagens, acompanham a “loucura” de Don Quijote e fazem com que ele acredite cada vez mais em sua façanha. Don Quijote teve os livros como o ponto de partida para sua “loucura”, porém não realizou tudo o que estava escrito neles, ele se recriou, se reinventou através da leitura.

Inúmeras vezes e em todas as terras, as pessoas tentaram copiar pelo seu comportamento exterior ou ritualístico a experiência religiosa original de seus grandes mestres – Cristo, ou Buda, ou algum outro líder e tornaram-se assim, “petrificados”. Acompanhar os passos de um grande líder espiritual não significa que se deve copiar exatamente o seu processo de individuação e si que se tente, com a mesma sinceridade e devoção destes mestres a própria vida. (JUNG, 1964, p. 212).

Foi exatamente esta a atitude de Don Quijote, que teve os cavaleiros andantes como um ponto de partida para sua “loucura”, não realizou tudo exatamente igual aos seus mestres, mas ele teve seu próprio processo de individuação<sup>5</sup>, por isso ele se tornou inesquecível para todos aqueles que também acompanharam e acreditaram na sua “loucura”.

---

<sup>5</sup> O processo de individuação seria ampliar a visão, ver mais além, não haver divisão, entretanto que possa haver a união entre o consciente e o inconsciente, sobre isso Jung escreve: “O processo da individuação” descreve o processo pelo qual o consciente e o inconsciente do indivíduo aprendem a conhecer, respeitar e acomodar-se um ao outro. (JUNG, 1964, p. 14)

A obra *Vida de Don Quijote y Sancho* (1945), como já foi dito anteriormente, é uma releitura, uma defesa de Unamuno dos personagens *Don Quijote de La Mancha e Sancho Panza*, enquanto na crítica tradicional, os personagens são tratados como loucos, Unamuno mostra exatamente o contrário, ele trata Don Quijote como um herói, e faz questão de provar que Don Quijote nunca esteve tão lúcido, mas que a sociedade da época em que ele vivia era louca.

Miguel de Unamuno duvida da nossa existência nesta obra, se pergunta se realmente existimos, e o motivo desta pergunta é bastante óbvio, existir na concepção de Unamuno é fazer a diferença no mundo, como fez Don Quijote, ter a coragem de enfrentar a todos como ele fez, de não ser cego perante a sociedade a qual estamos inseridos, e o que ela deseja, não ser alienado pelas pessoas, mas ser autor da nossa própria história.

Y en cuanto a hoy, todos esos miserables están muy satisfechos porque hoy existen, y con existir les basta, ¿existencia, la pura y nuda existencia, llena su alma toda. No sienten que haya más que existir. Pero ¿existen? Existen en verdad, sufrirían de existir y no se contentarían con ello. (UNAMUNO, 1945, p. 12).

Qualquer pessoa, que não teve a oportunidade de conhecer a fundo a obra de Cervantes, *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, imaginará que este se trata de um louco, não um louco em que as pessoas precisam ter medo, mas daqueles que têm atitudes que não condizem com atitudes de uma pessoa sã, isto se nota ao observar comentários de pessoas que não leram a obra, mas para Unamuno, que estudou profundamente Don Quijote, este não se trata de um louco, ele na concepção de Unamuno é uma pessoa sã e sabe exatamente o que faz.

Em vários momentos da obra podemos perceber a repetição constante da palavra seca ou secar, como na citação a seguir, “del poco dormir y del mucho ler, se le secó el cerebro de manera que vino a perder el juicio”, (CERVANTES, 2004, p. 29-30), palavra esta que se refere não só ao físico de Don Quijote ou ao cérebro dele, mas quando pensamos em algo seco, pensamos em algo que seja duro, que tenha resistência, que o protagonista possui, e mesmo sendo chamado de louco por diversas vezes ele não desiste do que deseja, ele resiste a todos os obstáculos que se apresentam em seu caminho.

No capítulo 5, da primeira parte Don Quijote assume que sabe muito bem quem é conforme a citação a seguir: “yo sé quién soy – respondió Don Quijote -, y sé que puedo ser no solo los que he dicho” (CERVANTES, 2004, p. 58), percebe-se neste discurso que ele não está satisfeito apenas em ser Alonso, ele quer muito mais do que um simples homem, ele deseja fazer a diferença no mundo, quer fazer o que deseja e não o que a sociedade que está inserido deseja, quer ter eterna fama e junto com isto mudar o mundo em que vive, por isso decide ser Don Quijote de la Mancha, será que nós na nossa mais incompleta “sanidade” teríamos a coragem de nos tornamos “loucos” como Don Quijote?

Quijote é defensor do ser e não apenas do ter, exatamente pelo fato de que o ter se resume a aparência, ao material e infelizmente isso não se resume apenas a época de Quijote, no entanto e principalmente nos dias atuais muitas pessoas ainda agem desta maneira, que dão valor apenas para o que aparenta, para o material. Já o ser é totalmente o contrário, o ser está voltado para o lado espiritual, para o nosso íntimo, para as nossas ações para/com o outro, desta maneira podemos perceber que Don Quijote não é apenas defensor, porém ele também age desta forma, com o lado espiritual, o seu íntimo, o seu caráter, com o seu coração.

É possível que se perceba as relações entre algumas pessoas da nossa sociedade, elas agem de forma contrária a Don Quijote, estas valorizam o lado material, deixam de lado o que realmente importa, que é o nosso íntimo, este é o que deve ser valorizado em nossas relações, este é o que devemos usar diariamente com o nosso próximo.

Unamuno durante sua vida obteve muito contato com homens portugueses e até escreveu um pouco sobre o homem ibérico, que seria a junção do homem português e do homem espanhol, assim Unamuno descreve: “Dijo Cervantes del idioma portugués que es el castellano sin huesos, y, retrucándole, cabría decir que el castellano es el portugués osificado” (UNAMUNO, 1958, p. 369), enquanto o homem castelhano possui muitas carnes, que dificilmente pode-se perceber a existência de seus ossos que pode ser comparado a Sancho Panza, por ser um homem, diferente de Quijote, um pouco mais cheio de carnes, e o homem português é totalmente o contrário, ele possui tantos ossos que quase não se nota a existência de suas carnes, a exemplo de Don Quijote, “era de complexión recia, seco de carnes, enjuto de rostro... (CERVANTES, 2004, p. 28).

Então podemos perceber que há uma união perfeita entre os dois e é exatamente por esta união que os dois conseguem imortalizar seus nomes e que podem sim, através da leitura

e da loucura ter um ponto de partida para um mundo mais justo. Percebemos na obra que acontece dois processos muito importantes, a quijetización<sup>6</sup> e a sanchificación<sup>7</sup> dos personagens Don Quijote e Sancho Panza.

¿Ahora, señor don Quijote, que tenemos nueva que está desencantada la señora Dulcinea, sale vuestra merced con eso? ¿Y ahora que estamos tan a pique de ser pastores, para pasar cantando la vida, como unos príncipes, quiere vuestra merced hacerse ermitaño? Calle, por su vida, vuelva en sí y déjese de cuentos. (CERVANTES, 2004, p. 1101).

Dentre tantos momentos da narrativa, esta passagem citada representa o processo de Quijetización de Sancho Panza, que antecede a morte de Alonso, é possível perceber como Sancho usa uma linguagem culta, como assim fazia seu amo, quando normalmente Sancho usa uma linguagem mais voltada para o popular, uma linguagem informal. No entanto, não somente Sancho Panza que é quijetizado, pois Don Quijote também passa pelo processo de sanchificación.

Paréceme, Sancho, que no hay refrán que no sea verdadero, porque todos son sentencias sacadas de la mesma experiencia, madre de las ciencias todas, especialmente aquel que dice: “Donde una puerta se cierra, otra se abre”. (CERVANTES, 2004, p. 188).

Percebemos neste trecho que Don Quijote usa um ditado popular, ou seja, ao fazer isso ele está agindo da mesma forma, está usando um saber informal, popular, que era típico de seu escudeiro.

No próximo capítulo, mostraremos quais foram e ainda podem ser as contribuições da obra *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* para a Educação .

---

<sup>6</sup> Processo pelo qual Sancho passa a agir com as mesmas atitudes e pensamentos de Don Quijote.

<sup>7</sup> Processo pelo qual Don Quijote passa a agir com as mesmas atitudes e pensamentos de Sancho Panza.

## 2. AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO PARA UMA SOCIEDADE LIBERTADORA

Como já foi descrito, a leitura foi o ponto de partida para que Alonso Quijano tomasse a iniciativa de não ser apenas ele, mas de completá-lo com Don Quijote de la Mancha, e isto não seria possível sem a leitura como sua aliada. A leitura exerce um papel muito importante na obra de Cervantes, pois foi a partir dela que Don Quijote nasceu.

Cervantes cria uma nova literatura, deixa de lado as regras que devem ser cumpridas, ele reinventa uma nova literatura, vemos no capítulo 6 (seis) da narrativa que é feita a queima dos livros, que segundo a sobrinha de Alonso e seus amigos os viam como a fonte de loucura de Alonso. A queima destes livros significa a queima do conhecimento, significa a ignorância, a loucura dos que tomam esta decisão. Loucos e ignorantes por não compreenderem que os livros tiveram para Don Quijote e ainda têm uma grande importância para todos, pelo fato de exercerem uma função importante contra a alienação.

Como já foi dito, os livros, a nossa autonomia como leitor tem a função de abrir os olhos para o que é verdadeiro e não deixar que sejamos alienados. Unamuno nos mostra que a leitura é tão fundamental, tão essencial como o pão que comemos diariamente, enquanto o pão alimenta o corpo a leitura alimenta o espírito, a alma, a mente, “vendió muchas fanegas de tierras de sembradura para comprar libros de caballerías, pues no sólo de pan vive el hombre” (UNAMUNO,1945, p. 29). Mais uma vez percebemos a similaridade que existe entre a obra de Don Quijote e a Bíblia, pois Jesus usou estas mesmas palavras no momento em que estava sendo tentado pelo Diabo, conforme relatado no evangelho de Mateus: “Jesus, porém, afirmou-lhe: “Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus”. (Mt, 4:4), no entanto, enquanto Jesus se direciona a palavra de Deus, Don Quijote se direciona à leitura, à literatura, àquela que o fez abrir os seus olhos.

A cada dia somos impulsionados, influenciados a vivermos conforme as outras pessoas, influenciados a sermos alienados. Uma das maneiras de fugir desta alienação é pela leitura, ou seja, pelo conhecimento, porém não qualquer tipo de leitura, mas uma leitura que permita os seus leitores a reflexão, por isso a importância da literatura na sala de aula. É através dela que os alunos podem ter novos pensamentos e reflexões, a partir de uma mediação adequada do professor; “o que fazer com ou do texto literário em sala de aula

funda-se, ou devia fundar-se, em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas.” (LAJOLO, 2010, p. 11).

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. (LAJOLO, 2010, p. 6).

A partir da literatura, o leitor pode refletir sobre suas atitudes, sobre sua vida. Com ela somos capazes de repensar, de nos refazermos, por este motivo a importância da literatura nas escolas e, principalmente, o uso que se faz dela. Neste processo o professor exerce um papel fundamental, o de mediador, contribuindo para os alunos conhecerem mais a si próprios e aos outros. E o mais importante, eles conquistam “armas” para se libertarem da alienação, que é o que desejam os detentores do poder e dos privilégios, que nos tornemos pessoas alienadas, para que possam fazer o que desejarem, por isso a falta de incentivo para que se tenham nas escolas componentes como a Literatura, a Sociologia, a Filosofia, porque são essas disciplinas que nos fazem refletir, nos transformam em pessoas mais conscientes.

De modo geral o que algumas escolas oferecem aos alunos são textos que não os levam a pensar, o que alguns professores cobram dos alunos é apenas gramática, isso é o que importa, a alfabetização e o letramento<sup>8</sup>, e segundo alguns educadores e também em nossa vida cotidiana é possível perceber que ocorrem casos em que alguns destes alunos chegam ao final da educação básica sem ao menos saber escrever corretamente, a gramática sem dúvidas é fundamental em nossa vida estudantil, no entanto a reflexão não deve ser deixada de lado. “Mas os sistemas de ensino vivem de passado e memória, e buscam formar um homem teórico, afastado das questões diárias e que acumulam conhecimentos na maior parte das vezes inúteis.” (MOSÉ, 2011, p. 56).

Infelizmente esta é a realidade que observamos, alguns professores ficam apenas ligados a questões do passado, não inovam, não trazem as questões para o dia a dia do aluno,

---

<sup>8</sup> Letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa “literacy” que pode ser traduzida como a condição de ser letrado. Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita. Informação retirada do site <http://brasilescola.uol.com.br/>. Disponível em: <http://educador.brasilescola.uol.com.br/trabalho-docente/alfabetizacao.htm>. Acesso em: 15/11/2017.

não relacionam com a vida do aluno, desta forma ele não se sente instigado a participar da aula, a buscar saber mais e mais.

Os professores precisam se atualizar, precisam levar atualidades para a sala de aula que façam com que os alunos se sintam bem no ambiente escolar, não se sintam aprisionados, ou sintam que estão sendo castigados por estar naquele local, mas ao contrário que se sintam entusiasmados, alegres por estar ali e que o façam pensar, não levar tudo pronto para que o façam, levá-los a pensar e a refletir sobre sua vida.

Esta reflexão também deve começar pelos próprios alunos, como fez Don Quijote, que iniciou primeiramente a sua transformação interna, para logo após começar a transformação de outras pessoas, pois como os alunos poderão cobrar esta reflexão daqueles que estão ao seu redor, se estes mesmos não a fazem, não há como cobrar transformações na sociedade a qual vivem se esta transformação não acontece primeiramente dentro deles próprios: “Para transformar-se a humanidade precisa de educação, mas de uma educação fundada no cultivo de si, o que implica em construir a si mesmo, em tornar sua própria vida uma obra de arte.” (MOSÉ, 2011, p. 65).

Para este cultivo precisamos de alguém que nos instrua, que nos permita esse contato com a arte, e este incentivo na maioria das vezes vem dos professores, eles precisam ensinar não só a somar, multiplicar, separar palavras, mas também precisam instigar o aluno a refletir, a criar, a se recriarem e através desta recriação atuarem em sua própria história.

Se, por um lado, a fragmentação do ensino respondia a necessidade de produzir uma educação “em massa”, por outro, atendia a fundamentação ideológica do novo regime, avesso a reflexão e à crítica, como mostram as denominações que ainda hoje usamos: grade curricular, disciplina, prova. (MOSÉ, 2011, p. 64).

Segundo Mosé, a visão de educação em massa foi criada historicamente no regime militar em 1964, e ainda hoje é visto nas escolas, os alunos são ensinados a pensar que se ele não for bem sucedido em uma prova é burro, se consegue um bom resultado é mais inteligente que o outro. Há assim uma disputa diária dentro da sala de aula, em que o conhecimento do aluno é medido através de uma prova e sua reflexão, sua crítica não é vista, porque para alguns apenas as notas valem dentro da sala de aula. É isto que a sociedade em que vivemos, aqueles que estão no poder desejam, disputas diárias, querem que os alunos, a elite trate uns aos outros como se fosse um jogo, no qual o aluno tem que ser o melhor, se não

for, é um perdedor, e será tratado com desrespeito, porque é isso que importa, o ganho e a reflexão não deve existir dentro dessa concepção excludente.

Além de fazer com que o aluno reflita, este também precisa ser ouvido, os professores, a escola precisa parar e ouvir o que seu aluno tem a dizer, observar a vida dele para que dessa forma o professor, a escola, possam ter uma ideia das dificuldades do aluno, para que assim, estas possam ser trabalhadas, mas não apenas com aqueles conteúdos programáticos que estão nos livros didáticos, mas assuntos relacionados a vida cotidiana do aluno, assim este sentirá que a escola além de se preocupar com o seu conhecimento científico, se preocupa com o que acontece ao seu redor.

Precisamos de uma escola onde o aluno seja ouvido e considerado. Uma escola para o aluno, dirigida para o seu desenvolvimento, tendo como alvo a vida, em todas as suas dimensões, e não apenas uma escola voltada para o mercado de trabalho. Uma escola onde a filosofia, a ética estejam tão presentes que não precisem de 50 minutos na grade curricular; ou melhor, que não tenha grade curricular mas temas, assuntos questões. (MOSÉ, 2011, p. 65).

Uma escola na qual o aluno possa se expressar, participar das aulas, não apenas o professor falar enquanto o aluno escuta, mas que haja uma interação entre professor e aluno, uma troca de informações, de saberes, voltados para a reflexão, a crítica como saberes do ensino, como desenvolvimento e aprendizagem e que carregue isto para sua casa, para sua vida.

É preciso que o professor e também o aluno tenham o pensamento que formar e ser formado não é um treinamento, o aluno não irá repetir o que o docente reproduz em sala de aula, Don Quijote não repetiu o que estava nos livros, ele criou, reinventou, mas esta reprodução será uma iniciação, um exemplo, o aluno a partir disso terá uma visão de como agir, como Freire diz abaixo:

É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas, e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. (FREIRE, 2011, p. 16).

É exatamente o que foi mencionado anteriormente, a escola não é um campo de futebol, onde os alunos precisam fazer tudo o que o professor faz ou diz, mas o próprio aluno precisa ter sua autonomia e o professor também precisa ajudar o aluno com esta autonomia.

Podemos perceber que na obra Don Quijote teve a autonomia de sair pelo mundo para fazer o que era preciso, o que era preciso mudar, e é esta mudança que os professores precisam ter, precisam ter esta autonomia para fazer o que for necessário com os seus alunos, com as suas aulas. Para que esta autonomia possa acontecer o professor precisa conhecer cada dificuldade dos seus alunos, somente assim poderá trabalhar de modo efetivo, e para isto é preciso que haja uma boa interação entre teoria e prática, não existe a possibilidade do professor preparar uma boa aula sem conhecer as dificuldades dos seus alunos, é preciso que exista esta interação, pois não é possível que exista uma teoria sem a prática e vice versa.

Para que esta autonomia possa acontecer entre os alunos, é preciso que o professor os ajude a pensar, este é exatamente o ato do professor: levar seu aluno a refletir, a indagar, cogitar sobre o seu lugar no mundo, sobre a sociedade na qual vive. Daí a pertinência da utilização de uma literatura de *ilación* (conforme vimos no capítulo anterior) nas aulas. Sendo assim, o docente precisa evitar esta prática que acontece com alguns professores, de entregar tudo pronto ao seu aluno, mas é preciso fazer com que ele pense, que ele tenha essa autonomia.

Só na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas. Por isso é que o pensar certo, ao lado sempre da pureza e necessariamente distante do puritanismo, rigorosamente ético e gerador de boniteza, me parece inconciliável com a desvergonha da arrogância de quem se acha cheia de si mesmo. (FREIRE, 2011, p. 29-30)

Ensinar a pensar certo é levar o aluno a refletir sobre o próximo, sobre o mundo em que vive, sobre si mesmo e para que isso ocorra é necessário usar a leitura, não qualquer tipo de leitura, pois não são todas que fazem este papel de fazer com que o aluno pense certo, selecionar uma obra que instigue o aluno a fazer uma boa reflexão.

Alguns docentes precisam sair deste círculo onde só acontecem aquelas aulas tradicionais, e eles falam e os alunos apenas escutam, não há uma troca de conhecimento de ambos, apenas o professor que pode opinar. É preciso conhecer o que está fora deste círculo,

passar por estas barreiras que nos impedem de vermos algo a mais, que nos impede de abrir os nossos olhos para o que está acontecendo fora do nosso mundo, fora deste círculo, foi exatamente esta barreira que Don Quijote ultrapassou para ter uma visão a mais do que os outros viam, e isto é o que devemos fazer, ver além do que está à frente dos nossos olhos, do que não está inserido neste círculo. E para que esta saída deste círculo possa acontecer é preciso que haja uma curiosidade, tanto da parte do aluno, tanto do professor.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2011, p. 32).

Como podemos notar nas palavras de Freire acima, é preciso que para qualquer esclarecimento, qualquer pergunta é importante que haja a curiosidade, esta que é muito importante para todos nós, para o nosso crescimento individual, como cresceremos em pessoa e também em conhecimento se não tivermos a curiosidade de conhecer o que está a nossa frente e também mais a frente dos nossos olhos? Não há como isto acontecer se a curiosidade não estiver engajada em nosso dia a dia, no nosso conhecimento diário. Tendo a curiosidade como nossa aliada, sabemos que desta forma somos seres inacabados, que todos os dias aprendemos sempre mais e mais: “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.” (FREIRE, 2011. p. 50).

## **2.1 A Educação como forma de saída da opressão**

Por sermos seres pensantes, seres racionais, somos seres inacabados, o nosso conhecimento não tem final, porque somos capazes de aprender sempre mais, por isso a importância da curiosidade em nosso dia a dia, pois assim nos tornamos seres inacabados e temos mais conhecimento com o passar do tempo.

Ainda falando deste círculo, em que alguns professores ainda hoje insistem em não sair, infelizmente existem, e não são poucos, aqueles que defendem que negros, homossexuais, dentre outros não fazem parte desta democracia.

Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros

sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagogia da democracia. (FREIRE, 2011, p. 37).

É exatamente o que aconteceu com Don Quijote, ele foi rejeitado, visto como louco por não ser igual aos outros, e isto ainda nos dias de hoje ocorre, vemos diariamente manchetes, notícias que dizem que homossexuais, negros ou qualquer outro que esteja “fora dos padrões” da sociedade em que vivemos sofrem violência por não ser igual, não pensar igual aos demais.

Estes são muitas vezes vistos como se não fizessem parte desta sociedade. Que tipo de cidadão se criará ao se enfatizar que estas pessoas são inferiores ou estão erradas apenas por serem e/ou pensarem diferente? Um cidadão preconceituoso! E nossa sociedade, que se diz democrática, e está amparada legalmente pela igualdade de direitos e deveres, contrapõe assim teoria e prática. Tomo a liberdade de trazer o termo “cristão” por ter trazido anteriormente um personagem que vai ser considerado como o Cristo Espanhol e entendo este ser cristão muito mais como um atuar conforme valores realmente humanitários, que deveria ser a atuação de qualquer cidadão em qualquer lugar neste planeta, independente de credo.

Ser cristão está acima de defender uma igreja, uma religião, de ir à igreja, para se tornar um verdadeiro cristão precisa-se fazer o que Jesus nos ensinou, pensemos mais em nossos conceitos e saiamos deste círculo que nos impede de vermos o que está a nossa frente.

Para estar à frente em uma sala de aula o professor deve saber que está apto a tomar decisões e que estas irão interferir na sociedade. “O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica”. (FREIRE, 2011, p. 110).

Desta forma os professores servirão como uma ponte para os alunos, para mostrar a eles que a partir de suas decisões é possível que o mundo mude, mas não só com a decisão deles, mas que pode ser um início para uma decisão a ser tomada e com esta decisão, com esta mudança, como fez Quijote, os alunos também aprenderão aos poucos o significado da liberdade.

Assim como Don Quijote, Freire também procurou a liberdade, a sua e a do próximo, liberdade esta feita através da leitura, da sua atuação como leitor, como assim fez Don Quijote.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. (FREIRE, 1987, p. 16).

Os opressores creem que com essa opressão estão acima de todos, porém, se enganam, para Freire aqueles que são oprimidos, aqueles que buscam não humilhar aos outros estão acima de qualquer outro valor, para Freire a humildade<sup>9</sup> está acima de qualquer outra coisa, aqueles que pensam que são mais, por estar ordenando, por estar oprimindo, na verdade são os que estão por baixo, exatamente por não terem humildade e os oprimidos ao terem a chance de fazer o mesmo que fizeram com eles, se mostram diferentes, eles mostram o quanto a humanidade e a humildade são mais importantes que qualquer tipo de opressão. No entanto, existem aqueles que ao serem oprimidos não lutam pela sua liberdade, infelizmente eles levam em consideração o que sofreram, não para a sua libertação, mas para a sua prisão.

Há algo, porém, a considerar nesta descoberta, que está diretamente ligado à pedagogia libertadora. É que, quase sempre, num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “formam”. O seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes está, clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade. (FREIRE, 2011, p. 17).

Como falava anteriormente, o oprimido desta forma está lutando, mas contra a sua liberdade, pois se age como o seu opressor também está se tornando um, e desta forma está se prendendo ao que a sociedade que vivemos deseja, ou seja, ao invés dele fazer totalmente o contrário, está agindo conforme aquele ao qual ele era totalmente contra, isto seria uma contradição, pelo fato de ter se tornado um opressor, aquele ao qual ele tinha repulsa, por isso

---

<sup>9</sup> A palavra “**humildade**” tem sua origem no grego antigo, e sua fonte foge um pouco do conceito que temos do termo. A palavra que originou “humildade” foi a grega **HUMUS**, que significa “terra”. Este mesmo vocábulo da antiga Grécia também deu origem as palavras “**homem**” e “**humanidade**”. Significando primeiramente “terra fértil” e “criatura nascida da terra”, se desenvolveu até ter o significado que conhecemos hoje. “**Humilde**”, obviamente tem a mesma origem em HUMUS, e vem do grego **HUMILIS**, que significava literalmente “aquele/aquilo que fica no chão”. Essa informação foi retirada do site gramatica.net.br. Disponível em <<https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-humildade/>>. Acesso em: 14 de Novembro de 2017.

a importância da pedagogia do oprimido, da reflexão, pois só assim se tornará totalmente livre.

Para que os oprimidos tenham esta liberdade eles sofrem uma luta diária, pois o sentimento opressor está inserido neles, e chegam a ter medo de se libertar.

Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não ao opressor de “dentro” de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem espectadores ou atores. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam, na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo. (FREIRE, 2011, p.22).

Desta forma esta liberdade se torna cada vez mais difícil, pois o oprimido passa por este momento de não saber como agir, tem o medo como sentimento, pois não sabe se como oprimido terá o controle sobre sua vida, ou se continuará sendo controlado por outros opressores, contudo, se tornando opressor realizará com os outros o mesmo que ocorreu com ele, então diariamente acontece este embate, ser livre ou não. Estando inserido nesta realidade por tanto tempo o oprimido sofre por não saber como deve agir, pois está inserido nele as formas de agir do opressor, então fica nesta luta constante dentro de si, como que deve agir, se como oprimido ou opressor.

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua “promoção”. Os oprimidos hão de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção. (FREIRE, 2011, p. 26).

Don Quijote e Jesus Cristo, que foram oprimidos pela sociedade, até os dias atuais são exemplos, pois não tiveram medo de se libertar, nem dos seus opressores, da sociedade em que viviam, pois tinham consciência, embora muitos digam o contrário, do que estavam fazendo, sabiam que estavam agindo para o seu próprio bem e para o bem da sociedade, por isso a importância de se libertar, por isso a importância da leitura, da literatura, pois só através delas encontraremos a nossa liberdade. Através da opressão os oprimidos automaticamente imaginam sua libertação e para que esta possa vir a acontecer é preciso que eles possam ter a consciência da opressão que está ocorrendo, pois por algumas vezes os oprimidos acham que a opressão é algo que acontece com todos e isto acontecendo estes não se tornarão livres, para

que esta liberdade possa acontecer é necessário que tenham a consciência, pois com ela a opressão não mais existirá, se assim o oprimido permitir.

Opressores não existiriam, caso o oprimido também não exista. E se caso aconteça do oprimido libertar-se, este não será mais oprimido, porém, tornando-se livre aquele que era o opressor passa a se questionar se há a possibilidade de tornar-se oprimido por aquele ao qual ele oprimiu por tanto tempo, e aquele que hoje está no lugar do opressor não significa que estará eternamente nesta posição, pois não é algo fixo, pode mudar a qualquer momento, da mesma forma que quem é oprimido hoje não o será para sempre, mas até o momento em que permitir.

Qualquer direito que for tirado do opressor ele se sentirá oprimido, pois sempre teve todos os direitos possíveis e quando chega o momento que é preciso tirar-lhe algo, para que também possa se tornar direito do antigo oprimido, ele se sente totalmente violentado pelo fato ocorrido, pois não aceita que aquele que oprimiu esteja na mesma vertente, esteja se colocando no mesmo lugar ou superior a si.

Os oprimidos ao escutarem repetidamente que são incapazes, que não servem para nada, infelizmente acabam por muitas vezes acreditar nisto.

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. (FREIRE, 2011, p. 32).

E, isto acontece, não são poucas vezes. O oprimido passa a acreditar na sua própria incapacidade, na ideia de que não serve para nada, e é exatamente isto que o opressor deseja ver, o oprimido se diminuindo, não acreditando no que faz, no seu trabalho, enfim não acreditando em sua pessoa. Sendo assim, aquele que está no papel de oprimido tentará fazer o melhor, não para ele, mas para o opressor, ao menos para que volte a acreditar em sua capacidade, na sua pessoa, se sente como se fosse um objeto qualquer e que o opressor pode fazer o que desejar com ele, enquanto isto o opressor aproveitará a oportunidade para assim explorar mais e mais o seu oprimido, além de exploração física também emocional.

Don Quijote ao escutar que era incapaz de fazer o que planejava não desistiu em momento algum, tinha sempre em mente que iria conseguir para mostrar aos outros, o que eles tanto duvidavam, ao invés de desmotivá-lo, fez o personagem acreditar que poderia chegar aonde desejasse, bastava apenas acreditar na sua capacidade. Cabe destacar ainda que o próprio Unamuno defende que o mais importante é o que alguém quer, e que este querer

tenha a ver com o ser, pois querendo ser verdadeiro e desejando intensificar a si próprio, esforça-se tremendamente para alcançar seus ideais. É neste sentido que a autonomia é imprescindível no processo educativo, na contramão de uma divisão hierárquica de saberes. No caminho da autonomia, muitos podem vir a se encontrar e juntos lutarem por uma libertação mais ampla.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 2011, p. 33).

Neste momento o oprimido passa a acreditar em si mesmo, observamos que isto acontece com Sancho Panza, que no início não acredita em si mesmo, porém quando começa a acontecer o processo de quijotización com ele, passa a acreditar em si próprio, e é a partir daí que juntos, os oprimidos começam a unir forças, a dialogarem entre si, para que assim, esta liberdade possa acontecer.

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. (FREIRE, 2011, p. 52).

Uma pessoa autossuficiente acredita que pode viver sozinha no mundo, sem a ajuda de alguém, assim são os opressores, que não tem humildade suficiente para dialogar, este diálogo que é indispensável para que esta liberdade possa vir a acontecer. Uma pessoa que age desta maneira não pode ser companheiro daqueles que buscam a sua liberdade, exatamente por que não aceita o diálogo, por que não tem humildade para escutar aos outros, apenas ele tem o direito de falar, de opinar. Para que esta liberdade possa ocorrer, também é preciso que se tenha fé e esperança, na sua luta, nos seus companheiros, no que tanto almeja, pois se não houver, não é possível conseguir se não acredita que esta liberdade possa acontecer.

Com esta liberdade o oprimido, é capaz de mudar a sociedade, o mundo em que vive, como assim fez Don Quijote, pois ele começou este processo de mudança primeiramente internamente, depois foi mudando os outros que estavam ao seu redor, a exemplo de Sancho Panza, dos condes, dentre outros, é o que Freire afirma quando diz “mas, se os homens são

seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis<sup>10</sup>. É transformação do mundo” (FREIRE, 2011, p. 77). É a partir da reflexão e da ação que o homem pode começar uma mudança, primeiro deve acontecer internamente, logo após, poderá mudar, transformar aqueles que estão ao seu redor.

Difícilmente aquele que está no controle estará do lado dos oprimidos, pois fazendo isto perderá o controle sobre aqueles que ele acredita que estão abaixo dele.

Por que não fenecem as elites dominadoras ao não pensarem com as massas? Exatamente porque estas são o seu contrário antagônico, a sua “razão”, na afirmação de Hegel, já, citada. Pensar com elas seria a superação de sua contradição. Pensar com elas significaria já, não dominar. (FREIRE, 2011, p. 81).

A elite não pensa junto com as massas pelo simples fato que isto significaria estar ao lado, apoiar o que pensam, como agem e desta forma os opressores perderiam totalmente o controle que tem sobre os seus oprimidos, sobre os seus empregados. Estar junto à massa significa para eles, pensar junto, refletir juntos, não dominar, por isto precisa manter-se sempre do lado contrário, para mostrar que é chefe, que ele impõe e os demais só obedecem. Sendo opressor este dificilmente aceitará entrar em um diálogo com o oprimido, por este motivo o opressor necessita manter uma divisão entre os opressores.

Na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-ias e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder. Não se podem dar ao luxo de consentir na unificação das massas populares, que significaria, indiscutivelmente, uma séria ameaça à sua hegemonia. (FREIRE, 2011, p. 87).

Com esta divisão acontecendo não é possível que aconteça o diálogo, a reflexão, pois eles têm a consciência do que pode vir a acontecer, caso a classe oprimida venha a se unir, e desta forma sem que haja a reflexão, os opressores poderão manter-se firmes no que tanto desejam que é estar acima, está no poder, e não podem deixar que ocorra o diálogo, pois assim seria uma abertura para a liberdade daqueles que estão sobre o seu domínio, sobre o seu poder. Caso o opressor perceba que a classe oprimida está se unindo faz uso de métodos para

---

<sup>10</sup> Práxis é uma palavra com origem no termo em grego *praxis* que significa conduta ou ação. Corresponde a uma atividade prática em oposição à teoria.

que isso não aconteça, desde colocar um contra o outro, e muitas vezes até métodos de agressão física, tudo isto para não perder o domínio sobre os oprimidos.

Don Quijote mostrou que mesmo sendo oprimido pela sociedade de sua época não poderia desistir do que tanto desejava e só saindo do seu comodismo foi capaz de conhecer outras visões, de conhecer o que estava fora do seu mundo e para que este conhecimento acontecesse, a curiosidade, a pergunta foi a sua aliada.

Porque o início do conhecimento, repito, é *perguntar*. E somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas, e não o contrário: estabelecer as respostas, com o que todo o saber fica justamente nisso, já está dado, é um absoluto, não cede lugar à curiosidade nem a elementos por descobrir. O saber já está feito, este é o ensino. (FREIRE, 1985, p. 24).

Para que haja esta curiosidade, voltando ao contexto escolar, é preciso que o professor também ensine o aluno a perguntar, a ter curiosidade sobre as questões que lhe aparecem, não só o professor, mas que isso comesse de casa. Sabemos que geralmente as crianças são muito curiosas, sempre estão perguntando aos pais, que ao invés de responder a curiosidade dos filhos, os repreendem, como se a curiosidade fosse algo errado, e sem ela não será possível crescermos em conhecimento, sem ter a pergunta como nossa aliada.

Essa perspectiva de opressão pelo poder é muito atual em nossos dias, usada pela elite, que tem o poder sobre a massa popular, “o poder pertencerá a todos, cada qual se apropriará de sua parcela de poder enquanto ser humano, e esse apropriar-se do poder permitirá a construção de uma sociedade em que o poder será de todos e não de alguns poucos.” (FREIRE, 1985, p. 40).

Desta forma o poder não deve ser exercido apenas por uma classe, apenas por aqueles que fazem parte da elite, deve ser dividido entre todos, cada um terá a sua parcela de poder, para que assim possamos ter uma nova sociedade, sem alienação, que não exista mais opressão da elite sobre a massa. Para que o poder possa ser bem executado, temos que ter a Educação como nossa aliada, pois sem ela não conseguiremos fazer grandes coisas.

Digo que a nova educação está renovando-se permanentemente; a nova educação deve ser considerada educação como processo, como processo de transformação de si mesma. Como processo que deve transformar-se permanentemente. Não deve aferrar-se a idéias e a modelos preconcebidos, como dizíamos antes. (FREIRE, 1985, p. 47).

A Educação deve estar sempre em processo de mudança, sempre existe algo que precisa ser transformado quando o assunto é este, frequentemente vemos avanços, são tantos que algumas vezes ficamos sem saber como agir, pois é algo que está em constante transformação, e esta transformação na Educação também precisa nos transformar, por que somos seres inacabados, e também para que esta Educação seja transformadora também é preciso que nós, façamos o mesmo, ou seja, a cada dia também temos algo novo a oferecer, estarmos em constante transformação, em constante liberdade, assim como a Educação. Esta “nova” Educação, precisa nascer de novos homens e mulheres, é preciso que nasça uma nova sociedade.

Podemos perceber a grande transformação que foi acontecendo no decorrer da obra de Cervantes, em que Sancho Panza, aquele que foi escudeiro de Don Quijote, ao final está totalmente quijetizado. Sancho nos ensina que a partir da nossa curiosidade, e da nossa reflexão, podemos nos tornar pessoas livres.

Alonso Quijano, em seu último suspiro se diz livre, liberto de todas as “loucuras” que cometeu como Don Quijote, quem morre, quem deixa de existir é Alonso Quijano, que no leito de sua morte diz não ser mais Don Quijote, isto acontece para que ele não morra junto com Alonso, e que continue vivendo, que seja eterno, assim como ele desejava.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as obras estudadas podemos perceber o quão importantes estas obras se tornaram, o quanto elas nos ensinaram e ainda irão ensinar para as gerações futuras. Através da educação, da leitura, da literatura somos capazes de nos recriar, de nos refazermos diariamente, mas também para que isso possa acontecer, precisamos desta autonomia como leitor, da qual tenho falado em meu trabalho.

Conforme visto vivemos em uma sociedade a qual se tem o hábito pela alienação, e na maioria das vezes cedemos a esta alienação, pois não temos a coragem de enfrentar, como assim fez Don Quijote, as pessoas, a sociedade a qual estamos inseridos.

A “loucura quijotesca” defendida por Unamuno nos leva a refletir sobre os nossos ideais, sobre as nossas atitudes no mundo em que vivemos, Quijote nos deixou como exemplo que para sermos o que desejamos, precisamos usar o desmotivamento do mundo ao nosso redor para nos fortalecer, para nos encorajar. Assim podemos lutar pelo que almejamos em nossas vidas.

Sabemos que a opressão ainda é muito utilizada nos dias atuais, infelizmente esta prática não se resume apenas ao passado, no entanto para que esta opressão não possa acontecer os oprimidos precisam ter consciência do que estão sofrendo, pois há casos, e não são poucos, que o oprimido infelizmente não tem esta consciência, assim se tornará mais fácil do opressor fazer o que é de seu costume, oprimir aqueles que acreditam que são inferiores a ele. Tendo esta consciência e também não permitindo a opressão, é possível que não exista oprimidos, pois a partir desta consciência será possível a liberdade.

Conforme mencionado Don Quijote tinha o desejo de se tornar eterno, de conquistar a fama eterna e também acabar com as injustiças no mundo, fazer um mundo melhor para a sociedade de sua época e também para as gerações futuras. Na segunda parte da obra *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* podemos perceber que parte do sonho de Quijote tornou-se realidade, ele não conseguiu acabar com as injustiças, fazer um mundo melhor, porém vemos que Don Quijote é tratado como um homem muito importante e que fez grandes coisas, assim descreve Cervantes: “Y primero quiere saber si está e vuestro castillo el valeroso y jamás vencido caballero Don Quijote de la Mancha, en cuya busca viene a pie y sin desnudarse desde el reino de Candaya.” (CERVANTES, 2004, p. 834). Podemos perceber nesta citação o quanto Quijote se tornou importante e respeitado e o que mais ele desejava, se tornou famoso, assim como ele tanto almejou desde o início do romance.

Em seu leito de morte, neste momento já como Alonso Quijano, este se arrepende por tudo o que fez, pelas loucuras cometidas como Don Quijote, por ter causado tanto sofrimento a sua sobrinha, seus amigos e também por ter feito Sancho cometer as mesmas loucuras. "Yo fui loco y ya soy cuerdo, fui don Quijote de la Mancha y soy ahora, como he dicho, Alonso Quijano el Bueno"(CERVANTES, 2004, p.1103). Vemos nesta fala, que o personagem, já não é mais Don Quijote e sim Alonso Quijano, percebamos também que este se considerou louco, quando se tornou Don Quijote e que agora como Alonso, se considera são, no entanto, para Sancho e também para Unamuno, este enquanto Don Quijote nunca foi louco, porém torna-se louco quando volta a ser Alonso Quijano.

Alonso Quijano morre, não Don Quijote, este se torna eterno, assim como desejava, se torna inesquecível, pois até nos dias atuais, no convívio estudantil ainda se ouve a grande história *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*.

Que assim como Don Quijote e também como Jesus Cristo possamos nos tornar eternos, inesquecíveis por nossas ações, por nossa coragem e principalmente a maior lição que eles nos deixaram, que é a humildade, que esta, sempre esteja presente em nossas vidas, pois sem ela não poderemos nos tornar grandes pessoas, assim como os célebres Jesus Cristo e Don Quijote de la Mancha.

#### 4. REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland, **A morte do autor**, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CERVANTES, Miguel de, **El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha**, São Paulo: Real Academia Espanhola, 2004.

CORREIA, Cristiane Agnes Stolet, **A leitura unamuniana do homem ibérico para pensar o universal**, 2011, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, Rio de Janeiro: 2011.

FERRATER MORA, José, **Unamuno, Bosquejo de uma filosofia**, Madrid: Alianza editorial, 1985.

FRASÃO, Dilva, **Miguel de Cervantes, Escritor e dramaturgo espanhol**.

Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/miguel\\_cervantes/](https://www.ebiografia.com/miguel_cervantes/)>. Acesso em 15 de Fevereiro de 2016.

\_\_\_\_\_, **Miguel de Unamuno, Escritor e filósofo espanhol**. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/miguel\\_de\\_unamuno/](https://www.ebiografia.com/miguel_de_unamuno/)>. Acesso em 15 de Fevereiro de 2016.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, Editora Paz e terra LTDA, São Paulo: 2011.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia do oprimido**, Editora Paz e terra LTDA, Rio de Janeiro: 1987.

\_\_\_\_\_, **Por uma Pedagogia da Pergunta**, Paz e terra LTDA, Rio de Janeiro: 1985.

JUNG, Carl G, **O homem e seus símbolos**, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1964.

LAJOLO, Marisa, **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**, São Paulo: Editora Ática, 2010.

MARIZ, Adriana Dantas de, **A ostra e a pérola: uma visão antropológica do corpo ao teatro de pesquisa**, São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

MOSÉ, Viviane, **A educação e a vida**, (coleção guias de filosofia, 3), São Paulo: Editora Escala, 2011.

UNAMUNO, Miguel, **Vida de Don Quijote e Sancho Panza**, Buenos Aires: Editora Espasa-Calpe Argentina S. A. 1945.

\_\_\_\_\_, Miguel, **Manual de Quijotismo**, Salamanca: Universidade de Salamanca Ediciones, 2005.

\_\_\_\_\_, **Y va de Cuento**, Madrid: Alfaguara Editorial, 1998.

ZAMBRANO, María. **Unamuno**. Barcelona: Fundación María Zambrano, 2004.